



ARTE, TRANSFORMAÇÃO POLÍTICA E CRÍTICA SOCIORACIAL: NA PRODUÇÃO VISUAL DE MIRTHO LINGUET, NATURAL DE CAYENNE-GUYANE FRANÇAISE

Piedade Lino Videira¹

Enilton Ferreira Vieira²

José Gerardo Vasconcelos³

Resumo: Neste artigo discorreremos sobre o trabalho de produção visual desenvolvido pelo fotógrafo *Mirtho Linguet*, natural da Guiana Francesa, para analisar como a arte desenvolvida por ele tem a capacidade de desvelar aspectos singulares da constituição social, histórica e étnico-racial da sociedade guianense. Elegemos como metodologia de pesquisa o estudo de caso do tipo etnográfico e para a coleta de dados a entrevista semiestruturada. Como resultado, destacamos que as imagens produzidas pelo *Mirtho* evidenciam um vasto teor de criticidade e realismo social sobre a dimensão racial, racismo e o processo violento de alienação sociocultural promovidos pelo sistema – alvo de críticas contundentes deste indivíduo. Portanto, ressaltamos que a produção visual de *Mirtho*, tendo a fotografia como método e técnica de trabalho, tornou-se um discurso engajado, potente, crítico e propositivo sobre a problemática racial na Guiana.

Palavras-chave: *Mirtho Linguet*; Arte e crítica sociorracial; Fotografia; Engajamento Político; Identidade Preta/Negra na Guiana Francesa.

ART, POLITICAL TRANSFORMATION AND RACIAL SOCIAL CRITICISM IN THE VISUAL PRODUCTION OF MIRTHO LINGUET, NATURAL FROM CAYENNE- FRENCH GUIANA

Abstract: In this article we will discuss the work of visual production developed by the photographer *Mirtho Linguet*, a native of French Guiana, to analyze how the art developed by

¹ Graduada em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. Psicopedagoga pela Faculdade de Macapá – FAMA. Mestre e Doutora em Educação Brasileira pelo Programa de Pós-graduação Stricto Sensu da Faculdade de Educação – FAGED da Universidade Federal do Ceará – UFC. Líder do Grupo de Estudo, Pesquisa, Extensão e Intervenção em Corporeidade, Artes, Cultura e Relações Étnico-Raciais com Ênfase em Educação Quilombola – certificado pelo CNPq. Pós-Doutoramento junto à Faculdade de Educação/Faced-UFC, na linha de pesquisa: História e Memória da Educação (NHIME), sob a supervisão do Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos. Membro da Academia Amapaense de Letras do Estado do Amapá (AAL). E-mail: piedadevideira08@gmail.com

² Graduado em Administração pela Associação Internacional de Educação Continuada, Brasil (2014). Contador da Advocacia Geral da União/AGU. Acadêmico do Curso de Direito da Universidade Federal do Amapá/UNIFAP. E-mail: nilton331@gmail.com

³ Integra o corpo docente da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará/UFC. Atua como pesquisador e líder do Grupo de Pesquisa História, Memória da Educação (NHIME), vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará/UFC. E-mail: gerardovasconcelos1964@gmail.com



him has the capacity to reveal singular aspects of the social, historical and ethnic-racial constitution of Guyanese society. We chose the ethnographic case study and the semi-structured interview as the research methodology. As a result, we emphasize that the images produced by Mirtho show a broad content of criticality and social realism about the racial dimension, racism and the violent process of socio - cultural alienation promoted by the system - the target of strong critiques of this person. Therefore, we emphasize that Mirtho's visual production, with photography as a method and work technique, has become an engaged, powerful, critical and purposeful discourse on the racial problem in Guyana.

Keywords: Mirtho Linguet; Art and socio-racial criticism; Photography; Political Engagement; Black Identity in French Guiana.

ARTE, TRANSFORMACIÓN POLÍTICA Y CRÍTICA SOCIAL EN LA PRODUCCIÓN VISUAL DE MIRTHO LINGUET, NATURAL DE CAYENNE - GUIANA FRANCESA

Resumen: En este artículo discutiremos el trabajo de producción visual desarrollado por el fotógrafo Mirtho Linguet, originario de la Guayana Francesa, para analizar cómo el arte desarrollado por él tiene la capacidad de revelar aspectos singulares de la constitución social, histórica y étnico-racial de la sociedad guyanesa. Elegimos el estudio de caso etnográfico y la entrevista semiestructurada como metodología de investigación. Como resultado, enfatizamos que las imágenes producidas por Mirtho muestran un amplio contenido de criticidad y realismo social sobre la dimensión racial, el racismo y el proceso violento de alienación sociocultural promovido por el sistema, el objetivo de críticas fuertes de esta persona. Por lo tanto, enfatizamos que la producción visual de Mirtho, con la fotografía como método y técnica de trabajo, se ha convertido en un discurso comprometido, poderoso, crítico y proactivo sobre temas raciales en Guyana.

Palabras clave: Mirtho Linguet; El arte y la crítica social; La fotografía Compromiso político; Identidad negra en la Guiana francesa.

ART, TRANSFORMATION POLITIQUE ET CRITIQUE SOCIO-RACIALE: DANS LA PRODUCTION VISUELLE DE MIRTHO LINGUET, NATURELLE DE CAYENNE - GUYANE FRANCAISE

Résumé : Dans cet article, nous discuterons du travail de production visuelle développé par le photographe Mirtho Linguet, originaire de Guyane Française, afin d'analyser comment l'art qu'il a développé a la capacité de révéler des aspects singuliers de la constitution sociale, historique et ethnique-raciale de la société guyanaise. Nous avons choisi l'étude de cas ethnographique et l'entretien semi-structuré comme méthodologie de recherche. En conséquence, nous soulignons que les images produites par Mirtho montrent un large contenu de critique et de réalisme social sur la dimension raciale, le racisme et le processus violent d'aliénation socioculturelle promu par le système - la cible de fortes critiques de cet individu. Nous soulignons donc que la production visuelle de Mirtho, avec la photographie comme méthode et technique de travail, est devenue un discours engagé, puissant, critique et proactif sur les questions raciales en Guyane.

Mots-clés: Mirtho Linguet ; Art et critique social ; La photographie ; Engagement politique ; Identité noire / noire en Guyane française.

INTRODUÇÃO



Temos a distinta satisfação de poder socializar neste artigo⁴ a biografia do fotógrafo guianense, Mirtho Linguet, 51 anos de idade. Mirtho é uma pessoa autêntica, de personalidade forte, espírito crítico em ação, de aparente feição rija, reforçada pelo seu olhar atento e mentalidade astuciosa que lhe conferem um jeito próprio, que pode ser visualizado em seu corpo esguio e franzino, com mente e gestos ágeis no modo de se apresentar às pessoas, especialmente, através do ofício laboral que desenvolve como fotógrafo. Dentre os diversos e complementares traços da personalidade insurgente do Mirtho, queremos destacar seu jeito irrequieto e “desobediente” às normas impositivas e “castrações sociais” de natureza ideológica presente nas relações sociais e étnico-raciais na Guiana.

Mirtho⁵ faz da sua produção plástica, através da fotografia, seu instrumento de reflexão política e estratégia pedagógica para promover e difundir a discussão racial na Guiana. O trabalho deste sujeito⁶ é ao mesmo tempo seu ser/estar no mundo e um recurso técnico-laboral manuseado por ele de modo criativo para refletir sobre a realidade social da Guiana e atuar criticamente no cenário *sui generis*, do ponto de vista histórico e sociorracial que perpassa as relações sociais e étnico-raciais, especialmente esta última: complexa, não dita, conflituosa e praticamente silenciada na Guiana.

O nosso anseio com este artigo é dar visibilidade à singularidade de ser preto/negro de Mirtho, natural da Amazônia internacional⁷ que compreende os países: Brasil, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa e Suriname, como pode ser visto no mapa a seguir:

⁵ Neste artigo iremos nos referir ao Mirtho, não como artista e ativista, em respeito à vontade dele próprio de não ser considerado como tal. Muito embora, diante de sua narrativa política e visual materializada em suas produções visuais essas características possam ser vistas.

⁶ Adjetivo com o qual nos referiremos ao Mirtho, haja vista que ele prefere não ser nomeado de guianense, tampouco *Créole*, mesmo que ambas as definições sejam condizentes com a sua condição de nascido na Guiana.

⁷ A maior parte da **Amazônia Internacional** está localizada em território brasileiro, compreendendo 60% do total, denominada pelo governo brasileiro de **Amazônia Legal**. A **Amazônia Internacional** se estende por nove **países**: Brasil, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa e Suriname.

Figura 1 – Mapa



Fonte: <http://portalparamazonia.blogspot.com/2016/01/amazonia-legal-e-internacional.html>. Acesso em 20/05/2019.

Por certo, Mirtho, e sua produção visual, nos permitem conhecer seu local de origem e sua condição racial específica advinda de terras desconhecidas no Brasil, do território da Guiana.

Este artigo faz parte da série de artigos oriundos da pesquisa de pós-doutorado que vimos desenvolvendo desde 2018 pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, para a qual elegemos utilizar como metodologia de investigação o estudo do tipo etnográfico voltado à educação, em virtude da natureza da pesquisa, que está voltada para o estudo da **Cosmovisão Africana e Corporeidades Negra na Amazônia: cultura, formação política e educação para as relações étnico-raciais**. Portanto, a investigação está sendo realizada concomitantemente no estado do Amapá e na *Guyane Française* mas sem, contudo, termos a intenção de desenvolver um estudo comparado entre as duas realidades históricas, sociorraciais, culturais e identitárias.

Felizmente o trabalho de coleta de dados realizado tanto no Distrito de Mazagão Velho-Amapá quanto na *Guyane Française*, tem nos possibilitado conhecer e entrevistar inúmeros atores sociais preocupados com seu território e com os atravessamentos sociais, raciais, identitários, econômicos e geográficos que perpassam o cotidiano e pode ser lido através da/na corporeidade negra desses povos.

Já que consideramos seus corpos sociais, tomando por base o pensamento do antropólogo francês, *Lê Breton* (2007, p. 92), que considera o corpo “a interface entre o social e o individual, entre a natureza e a cultura, entre o fisiológico e o simbólico; por isso, a abordagem sociológica ou antropológica exige prudência particular e a necessidade

1. QUEM VEM A SER O MIRTHO LINGUET?

Iniciaremos a nossa breve narrativa sobre *Mirtho Linguet*, nascido em 25 de outubro de 1968, em *Cayenne*, capital da *Guyane Française*, que desde tenra idade se encantou pela fotografia e pela forma de comunicação de conteúdo, contextos sociorraciais, identitários e políticos que as imagens vivas lhe oportunizavam.

Mirtho tem curso técnico em fotografia e desenvolveu seu estilo de narrar situações cotidianas de cunho social e racial através da experimentação, da pesquisa e movido pelo anseio de romper, de maneira argumentativa e propositiva, com a supremacia da arte e cultura europeia, ou seja, única via valorizada e reconhecida de fazer arte propagada pelo mundo.

Sendo assim, ousamos falar deste indivíduo a partir do que lhe inscreve como sujeito, ou seja, por meio da sua corporeidade que expressa além do esquema corporal e das percepções de si, a atribuição da raça às características fenotípicas. O cabelo e a cor de pele são como insígnias da raça negra, sendo que Mattos (2010, p. 34) verbaliza também que a “nossa corporeidade ao expressar a linguagem de nosso corpo, traz consigo as conceituações e a normalização estabelecida pela cultura. Assim sendo, a corporeidade negra traz consigo as marcas concretas dos discursos vigentes sobre a população negra”. Consideramos esta a “porta de acesso” para o conjunto de qualidades e características reveladas no corpo – social e racial – do *Mirtho*, bem como na sua produção visual, através da qual ele se autodefine da seguinte maneira:

Mirtho Linguet é, acima de tudo, quem quer que ele faça, e enquanto esse sistema estiver em vigor, uma vítima do sistema da Supremacia Branca (Racismo). Este é o único título que tenho, porque é o único que é verdade neste mundo, dada a minha condição dentro deste sistema e apesar das aparências e da minha cor de pele. Eu sou um prisioneiro de guerra, encarcerado como um criminoso, e um crime que é uma invenção, o que é esse crime? O fato de ter nascido não-branco (preto), minha cor de pele neste sistema é considerada um crime. Eu sou um prisioneiro na prisão [...]. (Mirtho Linguet, 2018).

Inferimos à luz do pensamento de Mattos (2010, p. 49) que a corporeidade de *Mirtho* “esclarece que a representação corporal do sujeito negro é um atributo pelo qual ele é avaliado e, por esta razão, influenciado pelos estereótipos. Assim, assistimos a invisibilização e a inferiorização desse atributo”.

Figura 2 - *Biopsimetrie ou “Le mur de l’exclusion invisible”*



Fonte: Acervo Pessoal do Entrevistado.

O trabalho de composição visual de *Mirtho*, vide imagem acima, contém um forte realismo-crítico sobre o processo voraz de coisificação e desumanização que o racismo e o sistema, denunciados de maneira contundente por ele, imputam aos negros. Desta forma, está para além do uso simplista da fotografia para apreender os momentos. *Mirtho* diz se contrapor a esse tipo de uso que comumente se faz da fotografia, conforme evidenciado abaixo,

Este trabalho não pára apenas na fotografia, mas vai muito além, é a manifestação do estado de espírito de um indivíduo, é sobre mim, neste caso, que considero que este problema [o racismo] é um grande problema, e enquanto não for resolvido, nada mais será e, portanto, merece que todos compreendam a urgência de fazê-lo desaparecer de uma vez por todas. (Mirtho Linguet, 2018).

Assim, depreendemos que *Mirtho* resiste e luta através de seu trabalho artístico de cunho realista e engajado no combate às desigualdades raciais e sociais que perpassam o cotidiano na Guiana a fim de despertar o pensamento crítico de “não brancos (pretos/negros)” e brancos sobre a doença social do racismo. Por isso, ele ressalta que:

[o racismo] não é uma doença que eu peguei. O racismo não é um vírus, é uma prática baseada em uma relação de poder dos brancos sobre qualquer pessoa “não



branca” no planeta e esse poder é poderoso porque motiva todas as nossas ações e reações sem o nosso entendimento.

Agindo na contramão dessa lógica, *Mirtho* usa sua habilidade técnica por meio de seu trabalho com o uso de imagens fotográficas para manter-se são e atuante no combate ao racismo, conforme veremos com maior riqueza de informações a seguir.

1.1. A DIMENSÃO MULTIDIMENSIONAL PRESENTE NO TRABALHO VISUAL DO MIRTHO

Para a arte/educador João Francisco Duarte Jr. (1996, p. 43),

A arte é sempre criação de uma forma. Toda arte se dá através de formas, sejam elas estáticas ou dinâmicas. Como exemplo de formas estáticas temos: o desenho, a pintura, a escultura, etc. E como exemplo de dinâmicas: a dança (o corpo descreve formas no espaço, a música (as notas compõem formas sonoras), o cinema, etc. Nas artes “dinâmicas” as formas se desenvolvem no tempo, ao contrário das “estáticas”, cujas formas não variam temporariamente.

Curiosamente, entendemos que na obra do *Mirtho* as supostas formas “estáticas e dinâmicas” mencionadas por Duarte Jr. se complementam em função de serem, juntas, formas de expressão fundamentais para exprimir seus sentimentos. Sentimentos esses que marcam sua identidade profissional reveladas em sua produção visual que denota profundo realismo-crítico da problemática racial, social e de gênero vivenciada pelos guianenses e pelos negros pelo mundo afora, como pode ser observado na obra abaixo do projeto fotográfico idealizado por artistas guianenses de título *Black Dolls* (Bonecas Negras):

Figura 3 - Obra exposta no projeto fotográfico de título: *Black Dolls* (Bonecas Negras) - Título da Obra: *Mental-Cide* n. 5



Fonte: Acervo Pessoal do Entrevistado.

Desde tenra idade *Mirtho* se deparou com a violência do racismo em seio familiar. Ainda muito jovem, ele ouviu seu pai perguntar a sua mãe: "Por que ele é tão negro?". Segundo *Mirtho*, na tentativa de analisar tardiamente e buscar compreender o fato em questão, ele nos diz que:

A resposta foi simples, porque neste mundo é ensinado a pessoas não brancas [pretas], que sua cor de pele é um problema. E a cor da pele branca é sinônimo de solução. Meu pai também, como minha mãe, também são vítimas deste sistema, que ensina que a cor negra deve ser desprezada e a cor branca é para venerar, glorificar. E isso passa por todos os padrões que nos são comunicados e contra os quais reagimos.

Mirtho tenta reagir contra o bem orquestrado sistema ideológico que aliena e confunde através de “uma educação que é feita para nos manter em uma posição de subjugação, como dominados [...] na qual o quê quer que eu pense, diga e faça, e qualquer que seja o campo de atividade, estamos sob a influência de uma força poderosa...”

Assim, depreendemos, portanto, que para conseguirmos romper com o ciclo de dominação hegemônico, sistêmico e racista, denunciado por *Mirtho*, devemos libertar



As vítimas [do racismo e do sistema] que são todas pessoas não brancas [pretas/negras] estão apenas reagindo, mas ainda não têm a fórmula para pôr fim a esta tragédia. As pessoas não brancas [pretas/negras] também precisam sair desse esquema para se gabar de sua cor de pele, porque elas só reagem a um processo, não percebendo que, enquanto isso, elas ajudarão os racistas [...]

Diante do exposto pelo próprio entrevistado, mediados pelo pensamento da artista/educadora Célia Maria de Castro Almeida (1992) podemos depreender que *Mirtho* não se enquadra no pensamento de autores/artistas e de artistas/autores que se consideram essencialistas, ou seja, defendem a ideia de que o ensino artístico deve se preocupar apenas com o que esteja diretamente relacionado à Arte. *Mirtho* e sua obra exprimem-se na concepção de Arte defendida pelos contextualistas que valoriza a abordagem sociológica, na qual o ensino das artes deva servir a causas sociais e formação de valores, hábitos e atitudes.

É exatamente esse destaque que queremos ressaltar da produção visual do *Mirtho*, que além de ser versátil e talentoso, demonstrou maestria e domínio técnico e do conteúdo crítico-racial presente em sua narrativa visual que oportuniza a formação plural, ampla e racial dos estudantes negros e não negros, já que o ensino de Arte na escola não vislumbra formar tão somente artistas, e sim sujeitos críticos capazes de agir e promover as transformações sociais e étnico-raciais tão caras para a garantia de direitos e da cidadania de grupos humanos historicamente vilipendiados em seus direitos civis (DUARTE JR., 1996).

Através da obra do *Mirtho* podemos promover o debate racial nas escolas brasileiras, em atendimento aos dispositivos legais que formam o conjunto de leis antirracistas em nosso país, com destaque para a Lei n. 10.639/03 que alterou o Art. 26A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e tornou obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira em todos os níveis da educação básica, do ensino técnico e do ensino superior brasileiro.

Mediados pela referida Lei no campo educacional, a pesquisadora e professora aposentada pela Universidade Federal de São Carlos Dra. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2003, p. 26), ex-membro do Conselho Nacional de Educação, cunhou a categoria africanidades brasileiras, a qual refere-se “a raízes da cultura brasileira que têm origem africana”. Ou seja, através deste dispositivo legal, ainda nas palavras da autora,



Dizendo de outra forma, queremos nos reportar ao modo de ser, de viver, de organizar suas lutas, próprio dos negros brasileiros e, de outro lado, às marcas da cultura africana que, independentemente da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte do seu dia a dia (*op. cit.*, 2003, p. 26).

Por certo, em comparação com o avanço que o movimento negro brasileiro conseguiu na mediação e negociação junto aos governos federal, estadual e municipais, no que concerne à aprovação de leis antirracistas com destaque para a lei em tela, que pelo menos do ponto de vista jurídico, alterou a legislação educacional brasileira, conforme enfatizado acima.

Tratando-se da *Guyane Française*, pelos motivos enfatizados a seguir, a transformação do conteúdo histórico, social, cultural/religioso e identitário dos guianenses e dos Povos *Bushi Conde Sama*⁹ e ameríndios ainda não fazem parte do currículo oficial das escolas francesas, em virtude do regramento presente na legislação daquele Departamento Ultramarino Francês, a qual anula, apaga e invisibiliza as identidades individuais dos povos nativos e imigrantes que não são franceses de origem, mas foram tornados como tal, por meio da subordinação imposta pelo processo de escravização, invasão e pelo roubo e furto mediante a morte, e também pelo uso abusivo por meio da força e pela apropriação indevida da França dos bens culturais e das riquezas humanas, materiais e minerais dos povos colonizados.

De todo modo, observamos que tem brotado nas mentes dos afro-guianenses e dos novos *créoles*¹⁰, fazendo uma alusão à condição da população negra brasileira designada de afro-brasileiros, igual preocupação em conhecer, valorizar, promover, respeitar e se orgulhar de sua ascendência e descendência africana, como expressa o sentido da categoria acadêmica ‘africanidades brasileiras’.

Essa “onda negra” composta por afro-guianenses contemporâneos de espírito insurgente, que tornaram o ativismo associativo, político e cultural um ato político de engajamento sociorracial na Guiana, pode ser vista também, no nosso ponto de vista, na produção visual de *Mirtho*, considerada por nós um expoente que reforça a evidência de

⁹ Trata-se da autodenominação utilizada pelos Povos *Bushi Conde Sama*, os quais são subdivididos em seis etnias: *Djuka*; *Boni/Aluku*; *Kwenti*; *Matawais*; *Paamaka* e os *Saamaka*, que significa “As Pessoas que Vivem na Mata” em contraposição aos termos pejorativos “*Noir Marrons e Bushinengué*”, utilizados, segundo nossos colaboradores na pesquisa, pelos colonizadores e pesquisadores/as de nacionalidade francesa entre outros, que significa “Negros Fugidos”.

¹⁰ Consiste na criação de um neologismo necessário para explicitar a atual constituição plural e complexa da sociedade guianense, formada por *créoles*, brasileiros, haitianos, martiniquenses, guadalupianos, dominicanos, entre outros povos.

atravessamentos sociais e raciais que transparecem na realidade local, como ele deixa evidente no conteúdo imagético de seu trabalho.

Além disso, a obra do *Mirtho* possui um diferenciado conteúdo artístico, estético e imagético de cunho racial, político e crítico que deixa transparente o estado patológico de aprisionamento de mentes denunciado por ele, como uma ação perversa orquestrada pelo sistema e pelo racismo.

Figura 4 - Obra do projeto de título: *Black Dolls (Bonecas Negras)* - Título da Obra: *Black Dolls* n. 5



Fonte: Acervo Pessoal do Entrevistado.

Diante do exposto, consideramos a produção visual do *Mirtho* um qualificado dispositivo didático-pedagógico com potencial de promover a discussão racial nas escolas, pelos motivos acima descritos. E, também, pela observância do autor na obra intitulada *Vanity*, que significa vaidade, na qual ele tece críticas aos danos causados pela ideologia da supremacia racial dos brancos, projetada para manter as pessoas não brancas, as pessoas pretas/negras, portanto, assimiladas pelo estratégico sistema no qual elas vivem tuteladas por ideologias que excluem, adoecem e inferiorizam àqueles considerados “fora do padrão “europeu.

A obra *Vanity* integra um novo projeto do *Mirtho*, que ainda não está terminado, e por meio do qual,

Ele fala sobre como as pessoas não brancas [as pretas/negras] acabam se tornando *cartuns* neste mundo dominado pelo racismo, porque absorvem tudo o que vem das pessoas que os dominam sem perceber que isso é apenas um artifício. O essencial é as pessoas pretas/negras saberem como sair do estado de “zumbi”, de robôs, como pessoas que agem e reagem mais que imaginam. As pessoas não brancas que foram esfoladas e estão cobertas de tudo e de qualquer coisa e, por isso, são impedidas de entender sobre a sua existência, esquecendo que é essencial, acima de tudo, entender que esse sistema é sinônimo de prisão. A obra em tela denuncia o estado das crianças que se maravilham em uma galeria de brinquedos, enquanto essa maravilha é fatal porque não lhes dá condições de viver o estado de criança. Eu como artista anseio descortinar as mentes [as pessoas] sobre o contexto [racista] e como isso nos afeta, para entender se não levarmos isso em conta, para sabermos quem somos e com o quê estamos lidando, nossa abordagem só pode ser distorcida. Neste mundo, tudo o que nos comunica com essas pessoas têm como objetivo nos distrair, nos distrair e manter em uma situação de submissão. Daí esse título para este trabalho. Devemos nos opor a essa força que é tóxica para nós, precisamos de um antídoto. Uma nova cultura. Não continuar a jogar como se fôssemos personagens de “circo”, porque os diverte, mas nada está comprometendo seu sistema. (Mirtho Linguet, 2018).

Figura 5 - Título da Obra: *Vanity* (vaidade)



Fonte: Acervo Pessoal do Entrevistado.



A produção visual de *Mirtho* nos ajuda a recuperar um dos princípios basilares, o princípio da crítica social que não deixa dúvidas quanto à relevância da Arte/Educação escolar para se discutir a problemática racial e o racismo, já que, segundo João Francisco Duarte Júnior (1996, p. 70):

Em termos interculturais a arte também apresenta um importante elemento pedagógico. Na medida em que nos seja dado experimentar a produção artística de outras culturas, torna-se mais fácil a compreensão dos sentidos dados à vida por essas culturas estrangeiras. Através da arte se participa dos elementos do sentimento que fundam a cultura alienígena em questão, o que é o primeiro passo para que se interprete as suas mensagens e significações [...]

Ainda a esse respeito, à luz do pensamento de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2003, p 27-29), podemos concluir que a obra de *Mirtho Linguet* é um importante recurso pedagógico para dar materialidade à legislação antirracista vigente no Brasil que fundamenta o ensino das africanidades brasileiras nas escolas como meio e fins necessários para:

combater os próprios preconceitos, os gestos de discriminação tão fortemente enraizados na personalidade dos brasileiros, desejando sinceramente superar sua ignorância relativamente à história e à cultura dos brasileiros descendentes de africanos [...]. No Brasil, assim como em outros países de fortes raízes africanas [como é o caso da Guiana] em qualquer nível de ensino, torna-se inadmissível desconhecer as obras de *Frantz Fanon*, pelo menos *Pele Negra Máscaras Brancas* [...] que analisa e discute as dificuldades enfrentadas por descendentes de africanos para terem sua identidade respeitada [...] num mundo colonizado por europeus. No nosso caso específico, não há como desconhecer a obra de Neusa Santos Souza, *Tornar-se Negro*.

No caso específico da *Guyane Française*, a obras literárias dos escritores guianenses *René Claude Coëta*, do professor e historiador *Serge Mam Lam Fouck* (2002) e o trabalho técnico-visual desenvolvido pelo fotógrafo *Mirtho Linguet*, dentre outros, devem ser conhecidas, prestigiadas e valorizadas pela população que habita o território guianense e, finalmente, fazer parte do currículo das escolas como significativo conteúdo didático-pedagógico sobre a realidade cotidiana e racial local.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

“O racismo favorece a injustiça”, este trecho da entrevista que realizamos com o *Mirtho* sintetiza o conteúdo político e crítico que se mostra em suas produções

fotográficas. Através de suas obras ele se insurge contra o sistema de dominação ideológica que atravessa as relações sociais e raciais na Guiana e no mundo.

Ainda que a problemática racial seja um assunto “silenciado” na Guiana, *Mirtho* faz de sua produção visual, através da fotografia, seu instrumento de reflexão política e estratégia pedagógica para colocar na ordem do dia esse “temido” assunto. Por isso, consideramos que a sua produção visual evidencia um conjunto de elementos históricos, sociais, econômicos, identitários, culturais, geográficos e raciais relevante para promover estudos sobre história da África, dos Africanos no Brasil, Amapá e na Guiana.

Por fim, ressaltamos que o trabalho de *Mirtho* diz muito de si mesmo, de seus traumas, dramas e enfrentamentos por se reconhecer e nomear preto/negro na Guiana, um Departamento Ultramarino Francês e Região Ultraperiférica da União Europeia localizada na América do Sul.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Célia M. de Castro. *O trabalho do artista plástico na instituição de ensino superior: razões e paixões do artista-professor*. Tese de Doutorado. Campinas: Faculdade de Educação, Unicamp, 1992.
- COËTA, René- Claude. *Bel-Air: destinées croisées*. Auteurs Indépendants. Guiana Francesa, 2010.
- CUNHA JR., Henrique Antunes. *Africanidade, Afrodescendência e Educação*. Educação em Debate, Fortaleza, Ano 23, v.2, n.42, 2001.
- DUARTE JR., João-Francisco. *Por que Arte-Educação*. 8. ed. Campinas: Papirus, 1996. Coleção Ágere.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz - Corpo e Cabelo, símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- KABENGELE, Munanga. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LÊ BRETON, David. *A sociologia do corpo*. 2. ed. Tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MAM LAM FOUCK, Serge. *Histoire Générale de La Guyane Française*. Matoury: Ibis Rouge, 2002.
- MATTOS, I. G. *Estética Afirmativa: corpo negro e educação física*. Salvador: EDUNEB, 2010.



MOORE, Carlos. *Racismo & Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. 2 ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

OLIVEIRA, Maria Marly de. *Como fazer pesquisa qualitativa*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. *Africanidade: esclarecendo significados e definições*. Revista do Professor, Porto Alegre, v. 19, n. 73, p. 26-30, Jan./mar. 2003.

SOUZA, Neusa Santos. *Tonar-se negro*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

VIDEIRA, Piedade Lino. *Marabaixo, Dança Afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense*. Fortaleza: UFC, 2009.

_____. *Batuques, Folias e Ladainhas: A Cultura do Quilombo do Cria-ú em Macapá e sua Educação*. Fortaleza: UFC, 2013.

Recebido em 30/04/2019
Aprovado em: 30/06/2019